



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ISABELLY MORAIS FERNANDES

(depoimento)

2018

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-884

Entrevistada: Isabelly Morais Fernandes

Nascimento: 22/10/1997

Local da entrevista: Estádio Mineirão – Belo Horizonte

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 15/09/2018

Transcrição: Greyce Débora Caetano Barros

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos e Greyce Débora Caetano Barros

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 49 minutos e 26 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Aproximação com o esporte; Interesse pelo jornalismo; Ingresso a Universidade Federal de Minas Gerais; Estágio na Rádio Inconfidência; Experiências na Narração; Participação em programas jornalísticos; Narração na Copa do Mundo de Futebol de 2018; As narradoras no jornalismo esportivo; Projeções para a carreira.

Porto Alegre, 15 de setembro de 2018. Entrevista com Isabelly Morais Fernandes a cargo da pesquisadora Silvana Vilodre Goellner para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.G. – Isabelly, inicialmente eu quero te agradecer por ter aceitado meu convite para conceder essa entrevista. Gostaria, então, que você começasse falando sobre a tua aproximação com o futebol. Como ela se deu?

I.M. – Pois é, a minha inserção não se deu muito por influência da família, o que é mais comum porque a família é seu berço. Nela estão as suas experiências, aquilo que você vê e gosta e que vai se identificando. No meu caso foi assim: minha mãe sempre gostou de futebol, mas assim, gostar de assistir, mas não de acompanhar fielmente as informações. Meu pai faleceu quando eu tinha quatro anos, então eu não tive essa influência dele ensinar a gostar, de mostrar um time. Mas eu ia praticamente todo o final de semana para a casa do meu avô e ele era um torcedor muito fiel, aqueles de acompanhar muito o seu time. Ele morava em um distrito da minha cidade e a gente ia para lá todo fim de semana...

S.G. – Qual é a tua cidade?

I.M. – Itamarandiba, interior de Minas Gerais. E aí eu lembro que ele colocou TV por assinatura na casa dele, ele foi o primeiro do distrito fazer isso. E todos os sábados e domingos eu ia lá e, inevitavelmente, eu pegava algum jogo. E o pessoal lá da região, todo mundo ia para a casa dele para assistir, juntava um monte de gente no cantinho da televisão para assistir aos jogos com meu avô. E eu achava aquilo um movimento muito legal... E eu, muito nova, lembro do meu interesse, que foi nascendo comigo. Se o jogo era, sei lá, as quatro horas, as pessoas começavam a chegar meia hora antes. Mas eu, uma hora antes, já sentava no mesmo sofá que o meu avô, aquele era o meu lugar e isso me marcava. E aí eu começava a assistir, eu não entendia nada! Eu perguntava para os meus tios algumas coisas e eles meio que: “Não, você é criança, vá brincar.” Era muito assim. E eu acompanhava o meu avô que, mesmo assistindo na TV, sempre estava com o rádio. Essa lembrança é muito imagética para mim. Ele sempre com o seu radinho. E eu fui percebendo, isso foi meio que de forma natural sendo um interesse meu. E eu fui gostando, fui acompanhando. Então, eu passei a não mais só assistir a jogos como meu avô, mas quando eu voltava para

a minha casa, eu passei a me interessar por pesquisar mais sobre aquilo, aí eu passei a praticar o futebol e também o vôlei e o handebol.

S.G. – Era isso que eu ia te perguntar. Que outros esportes você se envolveu?

I.M. – Eu pratiquei futebol. Teve uma época que eu estava bem atuante, bem ativa. Eu praticava futebol e futsal na semana. Eu ficava, sei lá, acho que era segunda, quarta e sexta no futsal e terça e quinta no futebol.

S.G. – Aqui em Belo Horizonte?

I.M. – Não, lá em Itamarandiba. Ainda lá. Só que aí a nossa treinadora faleceu e o projeto, não continuou. Eu sempre fui muito ativa na Educação Física para mobilizar as meninas para fazer time, sabe, para a gente se organizar, ter o nosso espaço. Se a aula tinha quarenta minutos de prática, eram vinte para a gente, eram vinte para os meninos e eu ficava muito atenta ao tempo que era nosso porque é muito comum que na Educação Física tenha uma divisão maior para os meninos. Ou então a menina jogue só vôlei, que é um esporte que não tem muito contato... Eu sempre lidei de uma forma muito boa com o esporte e esse interesse ficou em mim. Por exemplo, amo as Olimpíadas. Minha grande meta de carreira é cobrir uma Olimpíada. Eu gosto muito da Copa do Mundo de Futebol, adoro a Copa, mas a Olimpíada está acima da Copa, sabe? Quando chega a Olimpíada o que eu menos assisto é o futebol. Não é que eu menos assisto, mas é um universo tão maior que o futebol que... E essa relação minha com o esporte de forma geral foi se dando assim, com o futebol, por uma influência bem direta do meu avô.

S.G. – E você veio para Belo Horizonte quando? Para fazer a faculdade?

I.M. – Eu me mudei para cá quando estava com dezessete anos. E foi assim: eu me mudei para Belo Horizonte no dia 19 dia de agosto de 2015 e meu primeiro dia de aula foi no dia 24 de agosto. Foi assim: eu tinha que me mudar, não tinha mais jeito, não tinha mais tempo. Porque é muito complicado você crescer em uma cidade do interior e eu sou muito apegada a minha família. Completamente! Sou muito apegada. Sou protetora demais com todo mundo que está comigo. Então para sair, foi muito difícil. Eu fui deixando para vir

bem na porta do começo da aula e, lembro que a universidade federal estava em greve e aí eu fiquei feliz porque demorou para começarem as aulas. Não fico feliz com greve. Isso depende pelo o que a gente está lutando.

S.G. – E você veio para fazer Comunicação Social?

I.M. – Sim. Eu decidi pelo jornalismo no Ensino Médio. Uma amiga minha falou: “Você apresenta trabalho de escola muito bem, por que não faz jornalismo?” E essa mesma amiga, a Thaislane falou assim: Por que você não trabalha com esporte? Você gosta tanto de esporte, de comentar sobre futebol”. Eu sempre fui de comentar demais, de chegar em uma segunda-feira após a rodada do Brasileirão, e juntar todo mundo que eu pudesse, juntar para conversar. E aí ela me falou isso ainda no primeiro ano do Ensino Médio.

S.G. – Você logo pensou em atuar no jornalismo esportivo?

I.M. –Eu tinha vontade de trabalhar com o esporte de alguma forma. Aí nesse universo de virada para o Ensino Médio, que você começa a identificar tudo o que você gosta e tudo isso tem um potencial para ser o seu curso. Aí eu olhava para a Psicologia, para a área de Ciências Exatas que era o que eu sempre gostei muito, sempre dei muito certo com a área de exatas, mas eu também pensava: “E o esporte?” “Como casar isso?” Eu gostava muito de esporte. E quando minha amiga falou: “Por que você não pensa em jornalismo esportivo?” depois de eu ter decidido pelo jornalismo. Eu falei assim: “É isso!”

S.G. – Quando você estava cursando Comunicação Social, qual foi o teu primeiro movimento para se aproximar do jornalismo esportivo?

I.M. – Eu comecei o curso no segundo semestre de 2015 e passei o semestre para me acostumar com esse ritmo de cidade grande. Eu vim sozinha, com dezessete anos, e pensei: “Eu vou aproveitar tudo que eu tiver que aproveitar.” Aí eu passei o primeiro semestre mesmo reconhecendo a cidade, a universidade. Eu precisava entender onde eu estava pisando. Mas aí no primeiro semestre de 2016, que foi meu segundo período da faculdade, eu entrei para a assessoria de comunicação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e

Terapia Educacional da UFMG¹ e já foi muito legal porque, dentro da EEEFTO tem uma divisão muito clara que a gente percebe. uma visão muito mais tecnicista do esporte, do futebol e uma visão muito mais social, sabe? De uma inclusão mesmo, do futebol nesse espaço. Um ambiente sócio-político e cultural. Tem quem pense o futebol de uma forma diferente do que quem olha para o futebol como corpo, o atleta em si. Aí eu comecei a lidar com esses professores e achei muito legal. Eu fazia de tudo na assessoria, mas os eventos de futebol sempre foram os que mais me interessaram. E foi quando eu conheci o GeFUT² e foi quando eu comecei a olhar para o futebol muito além do que eu olhava em Itamarandiba, sabe? Eu comecei a pensar o futebol diferente. Lá em Itamarandiba eu não pensava, eu gostava de acompanhar o futebol, eu era muito torcedora de Twitter mas nunca tinha ido a um estádio. Eu conheci um estádio pela primeira vez em junho de 2015, foi um jogo entre o Cruzeiro³ e o Santos.⁴ O Cruzeiro perdeu para o Santos com um gol marcado pelo Ricardo Oliveira. Mas assim, eu nunca tinha ido ao estádio, eu não tinha essa vivência e experiência para analisar o futebol. Eu era uma aluna de Ensino Médio, né, não posso exigir que eu tivesse essa visão naquela época. Assim, quando eu comecei na EEEFTO, nos eventos que eu participava, a olhar para o futebol, eu pensava: “Pô, que legal!” Comecei então a fazer umas disciplinas como Psicologia do Esporte, onde fiz uma matéria sobre tática; Sociologia do Esporte, Fisiologia do Exercício, onde fiz algo sobre Ensino do Futebol...

S.G. – Tematizavas o futebol para entender melhor esse esporte?

I.M. – Muito. Fazia isso porque eu acho que, às vezes, tem uma cobertura nossa, do jornalismo, que é muito porca, sabe? Cheia de achismos, é muito achismo e gente tem que ter muito cuidado. Então eu pensei: “Quero expandir minha visão.” Isso foi em abril... Em março de 2016 eu comecei na EEEFTO e em abril eu comecei a escrever para um site, a Vavel⁵, que era jornalismo colaborativo. Foi quando eu te entrevistei, lembra? Eu colaborei de abril de 2016 a abril de 2018, eu saí agora e foi minha primeira experiência com o jornalismo esportivo para falar mesmo de futebol e de outros esportes porque o portal era

¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

² Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas.

³ Cruzeiro Esporte Clube.

⁴ Santos Futebol Clube.

⁵ Site de jornalismo esportivo.

de jornalismo esportivo. E foi muito bom porque, assim, desenvolveu um lado muito bom para a minha formação. Eu tinha autonomia, então, todas as pautas eu pensava, eu corria atrás de entrevista, eu formulava. Foi muito bom porque, por mais que algumas pessoas olhassem o texto, chegou um momento em que eu subia os meus próprios textos e eu gostava do que eu subia. Então era minha a responsabilidade do que eu estava escrevendo. E foi muito bom porque além de pensar nessas próprias pautas e correr atrás das pessoas, a era muito pela gente mesmo. E é o que tem que ser o jornalismo: gastar a sola do sapato. Isso é para a gente sempre, de correr, de procurar... Eu já tive uma prática muito rápida com o jornalismo esportivo sem ter uma formação direito porque eu estava no segundo período da faculdade. Eu aprendi a apurar lá. Eu sempre gostei muito de matérias para além de coletiva com técnico e jogador, sabe? Sempre gostei de matéria para além disso. E foi quando eu abri muito a minha cabeça porque eu tinha ainda nas minhas mãos um mecanismo, um site, que por mais que não tivesse um grande alcance, tinha um pessoal que lia e que acompanhava. Eu tinha uma oportunidade ali, tinha o futebol diante de mim, sem as pautas pipocando. E foi quando eu tive essa experiência mais forte. A rádio apareceu em julho de 2017 e aí foi uma escadinha. Eu entrei na EEEFTO e comecei a lidar com várias discussões do mundo do esporte e também do futebol. Quando eu comecei na Vavel, eu comecei a correr atrás disso com os mecanismos que a Vavel tinha. Mas quando entrei na rádio eu mergulhei no futebol. Até pela oportunidade, pelos mecanismos da rádio, com a transmissão esportiva, com essa experiência de ir a campo. De ir a campo não de realmente ir ao estádio, mas de ir a campo e de mergulhar nesse próprio universo com as experiências que tem, com os agentes que tem, com todo mundo com quem se pode lidar. E hoje eu vivo esse momento assim de aproveitar muito o que a rádio me oferece.

S.G. – E como foi a tua chegada na rádio? Você se inscreveu em algum estágio, alguém te indicou. Como você chegou na rádio Inconfidência?

I.M. – Eu fiquei um ano e três meses na assessoria de comunicação da EEEFTO. Eu entrei em março 2016 e, quando foi início de 2017, eu falei: “Já estou indo para o quarto período, eu preciso pensar em um outro estágio. Na EEEFTO era muito bom, mas eu estava em uma sensação de que... Sabe quando você sobe, sobe, sobe e você entra em uma linha reta, e vê que era muito automático? Já não era desafiador para mim. E não compensa durante o seu curso, com tantas possibilidades de estágio, de trabalhos voluntários tão diferentes, você

ficar em um lugar que não dá mais... Aí eu comecei a procurar vários estágios e mandei vários e-mails, mandei para o José Augusto Toscano, da Rádio Inconfidência, pedindo estágio, mas nada. Ele não tinha respondido. Aí eu já tinha mapeado, assim, tinham dois lugares que eu era doida para trabalhar e fiquei pegando no pé porque eu sou muito determinada nesse ponto. Se eu quero alguma coisa, sai da minha frente. Eu não vou pisar em ninguém, mas não fica no meu caminho para atrapalhar, para me desmotivar. Então eu sempre corria muito atrás do que eu queria. Aí mandei para o Tosca, o Toscano e ele não respondeu. Mandei para vários lugares até que eu cobri um evento no Mineirão⁶ pela EEEFTO e lá estava o Elias Santos que comentou sobre a narração. Eu pedi um estágio para o Elias, não pela narração, pedi o estágio porque eu sabia que ele era da Rádio Inconfidência. Perguntei, na verdade, se ele sabia de algum estágio na Inconfidência, ele perguntou o que eu gostava e eu falei que gostava de esporte. Ele me disse: “Sobre isso é o Toscano, manda uma mensagem de novo para ele.”. Aí eu: “Beleza.”. Mandei mensagem no Facebook porque ele não respondeu o e-mail. Quando eu mandei, eu lembro que o Tosca, de cara, falou assim: “Permita-me dizer: Topas ser narradora de futebol?” Assim, na primeira mensagem. Você já fica assustada, né! Aí eu disse: “Topo tentar, mas me dá um estágio. Me dá um estágio primeiro que a gente conversa.” E foi quando ele me deu estágio e eu desempenhei várias funções e cheguei até a narração.

S.G. – Como foi essa tua experiência com a narração, qual foi a tua primeira experiência pela rádio?

I.M. – Pois é, eu comecei a fazer várias funções. E o estágio em Inconfidência era muito aberto para isso, todo mundo passa por tudo. Só não passa pela narração porque assim, depende muito da pessoa querer viver aquilo. Mas nas outras funções não, o Tosca ia escalando a gente. Aí ele sempre falando: “Você vai narrar. Você me prometeu aquele dia que você ia narrar.” E eu: “Vou sim.” Eu treinava em casa, mas nunca tinha treinado um jogo inteiro. Eu comecei pegando clássico porque eu identificava bem os jogadores do Cruzeiro e do Atlético⁷, depois eu pegava Cruzeiro e um time... Tipo: Cruzeiro e São Paulo⁸. Eu peguei Cruzeiro e São Paulo, três a dois do São Paulo para cima do Cruzeiro,

⁶ Estádio de futebol em Belo Horizonte, Minas Gerais.

⁷ Clube Atlético Mineiro.

⁸ São Paulo Futebol Clube.

que foi um jogo extenso, foram muitos gols, teve melhores momentos. Eu sempre treinei melhores momentos. Aí quando foi o dia 26 de outubro de 2017, o Tosca falou: “Dia 7 de novembro tem América⁹ e ABC¹⁰. Eu já te falei que você ia narrar até o fim do ano e vai ser agora. Não vou ter narrador para isso e vai ser um momento...” Eu falei: “Beleza.”. Só falei assim. Aí eu lembro direitinho que eu gelei na hora. Eu pensei: “Mas será?”. Aí eu passei a treinar mais, treinava todo dia em casa, pegava os melhores momentos e treinava. Daí eu mandava para ele, ele ouvia e me respondia. Eu mandava para uns amigos meus e perguntava: “O que que vocês acham?”. Mas eu ficava muito sem graça, sabe? Muito envergonhada de mandar, assim, a minha narração. Por que quem acompanha o futebol tem noção de como que é a narração porque a gente está acostumado a ouvir. Mas quando você coloca isso na sua própria voz, sabe? Nossa! Eu morria de vergonha de mandar, até de narrar. Eu lembro no comecinho, eu sentada na minha cama com o notebook e vendo os lances e pensando assim: “Como que eu narro?”. Porque eu não tive nenhuma formação, ou algum curso de locução. E quando chegou o dia ... Foi dia 7 de novembro. Parece que eu demorei três horas para chegar no Estádio Independência. Eu estava morando perto do Independência na época, na prática dava uns quinze minutos, mas parece que eu demorei umas três horas, o caminho não chegava. E eu estava com o coração assim... Meu celular lotado de mensagem, gente mandando boa sorte, que vai dar tudo certo e tal. Eu lembro que o Adilson Martins, da Transamérica na época, ele não está lá mais, ele postou no Twitter na terça feira, cedo, que eu ia narrar: “A colega Isabelly vai narrar hoje, vai ser uma experiência para ela, a gente nunca acompanhou aqui em Minas uma mulher narrando.”. Aí o Twitter veio abaixo. Aqui em Belo Horizonte foi o assunto mais falado do dia no Twitter.

S.G. – Sim, foi para a imprensa nacional porque foi bastante divulgada a tua narração.

I.M. – Sim, foi bastante. E aí quando eu fui narrar as pessoas já sabiam durante o dia, muitas pessoas já sabiam que eu ia narrar. Então muita gente já conectou para ouvir. E eu pensava: “Nossa!” Só que eu sempre fui muito corajosa, sabe? Às vezes eu não penso muito não. E aí cheguei lá no estádio e lembro que a cabine estava lotada de gente, tinha gente até do Jornal Minas Gerais. Chegavam a toda hora e falavam: “Você é que vai

⁹ América Futebol Clube.

¹⁰ ABC Futebol Clube.

narrar” e aí cumprimentavam. Enfim, eu narrei o jogo e depois do jogo eu lembro que as luzes do Independência se apagaram, bem rápido, logo depois do jogo. E o Tosca estava fazendo comentário pós jogo e eu olhei para o estádio e pensei “O que eu fiz, o que que eu acabei de fazer?”. Eu lembro que eu olhei para o estádio e falei: “E agora? Como vai ser agora? Será que vai ser essa narração?”. E aí eu voltei para casa. Eu passei o dia super aflita. Nossa, eu estava muito aflita porque o meu celular estava pipocando e eu tentando estudar o ABC, os jogadores do ABC e olhava o meu telefone e estudava. Eu estava morrendo de medo de como identificar os caras. Eu estava olhando vídeos deles para tentar já identificar ali no dia e já ficar mais ambientada. Pensava assim: “Como que uma pessoa consegue identificar um jogador?”. E no primeiro tempo foi muito complicado, porque onde eu estava... A nossa cabine hoje é outra, mas na época era uma cabine mais à direita, e o time do ABC no primeiro tempo atacou contra mim. Então estava vendo os caras de frente. “Cadê o número, meu Deus, cadê o número?”. Mas eu consegui, eu fui meio que mapeando o jogo. Tipo: o lateral direito está por ali, você já sabe o corredor que ele está... Então, não é porque está para o lado direito que é o lateral direito, mas tipo assim, você percebe: “É o lateral direito e é essa a característica dele.” E assim eu fui identificando no primeiro jogo. Mas foi uma sensação muito boa quando eu terminei. Muito, muito boa!

S.G. – E a repercussão já veio de imediato, as pessoas já fizeram contato contigo?

I.M. – Totalmente. Foi uma semana muito pesada, assim. Eu me lembro que no dia, eu saí da aula... Eu tinha uma aula de manhã, na terça-feira, e quando eu saí meu telefone já estava assim com muitas notificações no Twitter. E eu fiquei assim: “O que que está acontecendo?”. Aí eu vi um tanto de gente me seguindo, eu vi que o Twitter estava com o América e ABC nos *Trending Topics* e eu fiquei: “Como assim?” Na parte da tarde um tanto de gente já me ligou de vários veículos. Na quarta-feira de manhã eu estava na Redação SporTV. Faltei da aula de quarta e os meus colegas assistiram o programa no horário da aula [riso]. Foi muito engraçado. Enfim, foi tudo muito rápido assim e do nada. Porque minha vida mudou. Do dia 6 para o dia 7 de novembro. Mudou.

S.G. – E a partir daí como foi o processo de qualificação da tua narração? Você começou a acompanhar outras narradoras... Você já conhecia outras narradoras?

I.M. – Eu não conhecia. Eu já tinha ouvido alguém falar da Luciana Mariano, em algum lugar eu já tinha lido sobre ela. E isso antes do Tosca me convidar para narrar. Eu tinha lido sobre ela em um gancho do Campeonato Pernambucano com o Luciano do Vale em 1997, alguma coisa assim. Mas era alguma coisa assim bem vaga e pronto. Aí, depois que eu narrei, foram surgindo várias matérias com outras referências e foi quando eu conheci outras mulheres que narravam. Tem uma do Rio Grande do Sul, Clairene...

S.G. – Sim, a Clairene Giacobe da Rádio EstaçãoWeb.

I.M. – Eu não sabia que ela narrava, mas eu conheci ela depois disso. Conheci uma estudante de uma rádio universitária da federal de Goiás, então fui conhecendo alguns casos, sabe. Tipo, as pessoas foram aparecendo. Pouco tempo depois, apareceu a Narradora Lay's¹¹ no Esporte Interativo, então, foram esses movimentos que foram nascendo. Mas até então eu tinha ouvido falar da Luciana, basicamente.

S.G. – E como foi chegar ao Canal Fox e narrar um jogo da Copa do Mundo de Futebol masculino? Como se deu esse processo, ou seja, entre novembro de 2017 e junho de 2018?

I.M. – Foi muito rápido porque eu comecei a narrar em novembro e os campeonatos terminaram, os da série B e da série A. Então eu peguei cinco jogos no mês de novembro e no comecinho de dezembro. Beleza, acabou o ano. Aí em 2018 eu comecei narrando o Campeonato Mineiro na metade de fevereiro, mais ou menos. Então foi uma experiência super curta, tipo de dez jogos narrados. Foi quando eu vi que a Fox lançou um processo seletivo e que ia ter a apresentadora Vanessa Riche... Me passou uma credibilidade, pelo trabalho dela que eu já conhecia e tudo mais. Então pensei: “Pode ser que dê certo, com uma mulher à frente, que já tem uma experiência no jornalismo esportivo”. E eu e vi que era em março para mandar material. Aí eu mandei o meu material por e-mail, selecionei uns jogos, uns gols meus. E eu odiava me ouvir, eu odiava. Para separar os meus gols para fazer o material da Fox eu vi todos os jogos que eu já tinha narrado, que eram poucos, mas eu ouvi todos eles para tirar alguma parte legal. Foi quase que um martírio, eu não gostava do que eu ouvia porque eu não fui preparada para narrar. Eu só fiz na confiança, mas em

¹¹ Concurso criado em 2018 pela Lay's, marca da Pepsico em parceria com o Esporte Interativo visando revelar a primeira narradora de uma partida de Champions League.

termos técnicos de voz, não. Eu não gostava. Mas mesmo assim eu mandei para a Fox. Isso foi em março. Aí no finzinho de março eles escolheram as seis finalistas e eu fiquei entre as seis. Daí a gente passou por um processo seletivo já com essas finalistas e um processo de preparação para a narração. A gente narrou vários jogos, na Fox, como treino. Jogos super diferentes do Campeonato Alemão, do Campeonato Italiano, do Campeonato Espanhol.

S.G. – E vocês tinham a orientação enquanto estavam fazendo esse processo?

I.M. – Sim. Era sempre assim: tinha alguém no nosso ponto que ia dando algumas dicas enquanto a gente narrava. E depois que a gente narrava... A Vanessa acompanhou todos os nossos testes, e também tinha gente junto com ela, então, eles pegavam todas as impressões deles e passavam para a fonoaudióloga. Três selecionadas não continuaram, mas o processo com a fono, por exemplo, de *feedback*, foi com todas as seis. Aí eles foram avaliando, semana após semana... Nesse intervalo a gente teve palestra, a gente teve conversas com os narradores do canal. Eles ouviram as narrações e falavam: “Você pode melhorar nisso, naquilo”, “Isso aqui é legal.”

S.G. – Nesse período você estava onde? Aqui em Belo Horizonte?

I.M. – Não, lá no Rio. Eu fiquei do dia 26 de março, que foi o dia que a gente pisou na Fox, as seis finalistas, a primeira vez, até o dia 12 de maio que foi o dia do programa ao vivo para falar as três. Eu trabalhava aqui na rádio de domingo à quinta até meio dia. E aí eu ia para o Rio e ficava até sábado à noite. Eu chegava aqui sábado à noite, fiquei um mês inteiro assim. Sem descanso. E foi muito intenso. E uma das minhas principais dificuldades, porque, assim, já era um começo super curto, já era uma trajetória super curta, e ao mesmo tempo... Um ponto positivo para mim durante o processo é que eu já narrava. Mas ao mesmo tempo isso era um ponto que me atrapalhava porque eu vinha do rádio com os meus vícios de rádio. Eu comecei no rádio, então, toda a minha construção da narração era uma construção de uma narração de rádio. Hoje eu consigo olhar para a narração e pensar na narração de TV e na narração de rádio. Mas quando eu cheguei para o processo da Fox eu tinha toda uma construção na minha cabeça, sobre o que era narração e era uma narração de rádio. Então ao mesmo tempo que me ajudou na confiança... Eu fui

super confiante, eu fui super tranquila. Nenhum teste me assombrou, eu estava em uma autoconfiança enorme. Porque, uma vez que você vai para o ar, você sabe que tem muita gente te ouvindo... Eu já tinha narrado clássico. Então, quando você vai para o ar, tem toda a adrenalina do ar, de conduzir uma transmissão, de abrir uma hora antes no estádio, fechar uma hora depois. Têm emissoras que tem uma pessoa que conduz a transmissão, tipo a Rádio Globo que tem uma espécie de âncora que conduz e entrega para o narrador, a Rádio Itatiaia aqui faz assim. Mas a gente da Inconfidência não: quem abre e quem conduz tudo é o narrador. Então com todas essas responsabilidades eu já tinha autoconfiança, acho que nisso a experiência da rádio me ajudou muito. Era autoconfiança para narrar. Eu pegava o microfone e ia super tranquilo. Agora, o que me atrapalhou um pouco foram essas manias, que eu comentei. É como entrar na autoescola. Se você aprende a dirigir sozinha com seus vícios, suas manias quando entra na autoescola... É nesse sentido de desapegar. Teve uma semana, por exemplo, que eu narrei quarta-feira à noite aqui na Rádio Inconfidência e foi jogo normal, no ar. Fui quinta-feira na hora do almoço para a Fox, aí treinei na Fox na quinta, na sexta, no sábado. Voltei no sábado à noite e narrei aqui na rádio no domingo. Era a minha rotina durante a semana e eu tinha que esquecer a Isabelly narradora de TV e colocar... Eu lembro até, foi muito engraçado, uma vez que eu estava narrando na Fox, nos treinos, aí eu cheguei para narrar no domingo na rádio. Eu estava narrando um jogo do Atlético e falei assim: “Adílson...” E deu um vácuo e meu chefe estava comentando e ele olhou assim para mim porque eu fiquei calada, assim, olhando... “Adilson...”. Aí quando me dei conta, esperei um tempinho e falei: “Toca a bola.” Aí ele olhou para mim, eu esqueci, sabe, que eu estava no rádio. Foi bem no comecinho e eu tentava separar. Mas foi um processo muito bom, de descoberta, sabe? Porque se eu tive que aprender a narração eu aprendi muito na marra, assim, muito... Meu primeiro jogo completo foi um jogo ao vivo. E aí tem essa experiência da TV que eu tive que separar qual parte de mim ia no jogo mais descritivo e rápido e qual parte ia no jogo mais cadenciado. Mas foi muito bom.

S.G. – Isabelly, conte como foi a experiência de narrar o jogo de abertura da Copa do Mundo de 2018...

I.M. – Pois é. Eu cheguei na Fox no dia, depois do dia 12 de maio que foi quando eles escolheram o processo com as três finalistas. Eu voltei para a Fox no dia 11 de junho, que foi três dias antes da abertura que aconteceu no dia 14 de junho. Mas aí quando eu...

S.G. – Você sabia que ia ser você que ia narrar esse jogo?

I.M. – A Vanessa falou uma semana antes. Então, com uma semana antes eles falaram para a gente que eu narraria a abertura. Eu já tinha estudado bastante a Rússia, estudei mais a Arábia Saudita porque de 12 de maio até 14 de junho, quando começou a Copa, eu estava aqui em Belo Horizonte... Eu estudei as seleções, estudei no geral, eles disponibilizaram uma apostila para a gente com mais de cem páginas, bem completa, com boas informações. Era para dar um caminho para a gente pesquisar algumas outras coisas, mas todo meu estudo durante a Copa foi realizado por mim. Eu que procurava e estudava uma seleção. Cada uma de nós estudava o seu jogo. Eu lembro que no meu primeiro jogo na Copa, que foi o jogo de abertura, quando tocou a vinheta da Copa, antes do jogo e o cara que estava no ponto falou: “Três, dois, um... É seu.” Na hora que ele falou isso meu coração gelou como poucas vezes gelou na minha vida. Foram sensações que eu tive em alguns jogos muito específicos, como, por exemplo, o primeiro que eu narrei na rádio, o meu primeiro clássico, esse jogo de abertura e mais recentemente, Cruzeiro e Flamengo¹² que foi meu primeiro jogo da Copa Libertadores. Há um sentido diferente, não só para quem está jogando, para quem está torcendo, mas para quem está trabalhando, né. Porque quem trabalha com jornalismo, você sempre quer cobrir uma competição diferente. E competições cada vez maiores, por tudo que elas envolvem. E é expressivo e guardo as minhas credenciais, estão todas lá em casa. Eu guardo todas. E assim, foram essas sensações. Mas nesse jogo da Copa, quando ele falou: “É seu.” E abriu a imagem do estádio já para eu poder falar, meu coração acelerou bastante. Gelou. Aí que eu fiquei meio nervosa. Foi o único momento durante todo o meu percurso na Fox, desde o começo do processo até o último jogo que eu narrei. Foi o momento que meu coração gelou. Quando ele falou: “É seu.” Foi muito bom. Os jogos foram muito bons. Dos sessenta e quatro jogos da Copa a Fox transmitiu vinte e cinco por mulheres. Eu fiz nove desses vinte e cinco. E foram nove de transmissões completamente femininas, assim. Eu fiz nove jogos em um mês, é o que eu faço aqui, na rádio. Se for pensar são dois jogos por semana, algo assim, na quarta e no domingo. É o que eu geralmente faço aqui, que dá uma média de dez jogos. Mas eu faço a média de dez jogos contra outros times que estão em um contexto que

¹² Clube de Regatas Flamengo.

a gente conhece, se não conhece eventualmente a gente pesquisa. Mas é muito diferente numa Copa com tantos jogos e tantas seleções que às vezes você não conhece. Do Marrocos, por exemplo eu só conhecia o Benatia¹³.

S.G. – Era isso que eu ia perguntar, qual foi o jogo de seleção mais difícil destes nove que você narrou?

I.M. –Acho que Arábia Saudita e Marrocos. É porque Marrocos pelo menos eu conhecia o Benatia, que é o zagueiro da Juventus¹⁴. Eu conhecia um outro atleta que estava no Leganés¹⁵, da Espanha. Mas fora isso eu não conhecia mais ninguém. Agora, da Arábia Saudita eu não conhecia absolutamente ninguém. Ninguém, ninguém, ninguém mesmo. Eu não conhecia. Acho que foi mais difícil também por ser estreia né. E eles são muito parecidos, tem um perfil muito parecido.

S.G. – E o jeito de pronunciar o nome...

I.M. – É, sim. E o que me ajudou muito foi o Marca, um jornal esportivo espanhol. Eles tinham um site, com o pronunciador Marca. Maravilhoso porque eles pegaram pessoas de cada país para gravarem o nome dos atletas. Foi o que me ajudou. E mesmo que, por exemplo, Marrocos, era uma pronúncia muito carregada, eu dava uma abasileirada, sem fugir do que era o nome da pessoa mesmo. Mas foi muito bom, foi uma troca de chave muito rápida de uma seleção para a outra, mas me deixou muito cascuda, sabe? Porque é uma experiência máxima.

S.G. – E narrar o jogo entre Brasil e Suíça, como foi?

I.M. –Foi a estreia do Brasil. É uma sensação muito boa, porque a gente, quando você vai narrar o seu país, sabe, você se sente parte de uma gente que está torcendo por algo. E por mais que a gente tenha todas as críticas que a gente tem, toda a estrutura que está por trás da seleção brasileira, a politicagem que está por trás da seleção brasileira, quando você está

¹³ Mehdi Benatia.

¹⁴ Juventus Football Club.

¹⁵ Clube Desportivo Leganés.

de frente para uma seleção que está defendendo a mesma bandeira que a sua, você sente algo muito diferente. Muito, muito diferente. Porque é como se eu estou junto com todo mundo que está me assistindo. Quando você narra um clube, tem gente que te ouve, que torce, que está no mesmo ritmo que você de gostar daquele time ou não. Mas Brasil, por mais que tenha gente que não goste, a maioria gosta de acompanhar a seleção brasileira e quer que ela ganhe mesmo com todas as situações que a gente vive com a seleção brasileira. Sobre a transmissão, tinha também toda nossa expectativa em cima da seleção, como seria o começo da seleção, o trabalho preparatório para a Copa, como isso ficaria em campo. Não foi o melhor jogo da seleção. Longe de ser o melhor jogo. Não foi um grande jogo. Mas para mim foi super simbólico. Foi o Brasil.

S.G. – A partir da repercussão da narração de vocês, outros movimentos começaram a aparecer de mulheres reivindicando os seus espaços dentro do futebol. Como você vê isso hoje e como você se aproximou do tema das mulheres no esporte?

I.M. – Acho que para falar de mulher a gente está em um momento muito bom porque a gente tem falado muito sobre o espaço da mulher, o papel da mulher em pautas políticas, em pautas culturais, em pautas esportivas. A gente está acompanhando esse movimento de um tempo para cá. Talvez pelas redes sociais que viralizam tudo. Mas o fato é que está aí. Então é muito presente a discussão sobre a mulher e no esporte não vai fugir disso. A gente tem acompanhado muitos movimentos, sabe, dentro do jornalismo esportivo. Claro que a gente acaba falando sobre o que a gente vive também, mas a gente também dá voz para outras pessoas, outros movimentos, outros coletivos de mulheres que estão tentando mostrar o seu espaço. Eu vejo um momento muito positivo para a gente discutir isso. Não falo só da narração. Eu falo mesmo é do espaço da mulher. A gente tem acompanhado muito. Para todo canto, toda hora tem algo discutindo sobre a mulher. E eu não sei se nas redes sociais isso se espalha de forma muito rápida, mas é um ponto positivo do nosso momento. Eu acho que a gente tem olhado mais para a mulher. E aí vai em uma leva, que você começa a ver o movimento aqui da narração, você começa a ver as pessoas comentando assim: “Então, onde estão as comentaristas esportivas?”. Aí começa a levantar a temática da mulher na arbitragem e você já começa a pensar: “E as gestoras?” Porque os cargos diretivos dentro de clubes são do homem? Eu acho que o nosso momento é muito bom para discutir. Você fez duas perguntas, qual a outra?

S. G. – Como você começou a se preocupar ou a pesquisar sobre mulheres e esporte pois sei que está fazendo seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre as torcedoras. Você pretende tematizar na tua carreira acadêmica questões relacionadas à mulher no esporte?

I.M. – Eu sempre gostei muito de olhar para o futebol, desde quando eu estava no ensino médio. Mas aí, como eu falei, eu não tinha ainda aquela cabeça para olhar para o futebol de uma forma como eu olho hoje, como não vou ter essa cabeça para olhar daqui a quinze, vinte anos. São momentos na vida da gente, do que a gente vai acompanhando e do nosso crescimento. Mas eu sempre gostei de olhar para como que era a mulher dentro do esporte. Até quando você é torcedora você vê algumas situações de gente que não está nem aí para o que você fala e você pensa: “Qual que é o problema?” E já começa a perceber que realmente existe uma resistência dentro do futebol com a mulher. Mas quando eu entrei no curso e vi que naturalmente você vai se envolvendo com algumas causas. Você vai vendo algumas situações que vão te chateando tanto vê cada absurdo que acontece com muitas mulheres. E aí você vai fazendo contatos, vai se ligando com certos movimentos, vai se atentando para algumas coisas e quando você vê, você está mergulhado no tema. É um movimento, assim, que você mergulha. E para mulher que trabalha no jornalismo esportivo, quando ela trabalha e luta por aquilo ali que ela está fazendo como objetivo de carreira, ela naturalmente vira um discurso itinerante de resistência. Por exemplo, amanhã eu vou estar aqui no Mineirão. É um jogo clássico, então, em termos de cobertura jornalística é o maior jogo para o estado de Minas Gerais. É quando mobiliza uma redação inteira no mesmo jogo, pensando em concentração. E amanhã na tribuna do Mineirão eu vou estar narrando pela rádio. Aí você olha para o seu redor, é homem, homem, homem, homem. Mais novo, mais velho. Homem, mas é só homem, sabe? Então quando a gente passa a viver esse espaço, percebe que existe uma maioria gritante, uma maioria de homens. Mas não é porque os homens se interessam mais, é porque aos homens são credenciadas mais oportunidades. Aí você passa a se envolver. É natural. E se você tem um espaço de fala, você tem que usar isso de alguma forma. Então, pelo menos na Vavel, eu sempre fazia umas matérias, sobre mulheres. Eu sempre gostei. E é muito interesse pessoal também. Eu gosto muito de discutir, de falar sobre assuntos diferentes. Quando eu entrei no curso, parece que eu já cheguei super decidida. Eu cheguei para fazer jornalismo esportivo e quando chegou na hora de pensar no TCC eu fiquei me sentindo desconfortável

de falar sobre mulher no jornalismo esportivo. É claro, é um espaço meu, eu adoro falar, mas para o meu TCC, eu fiquei pensando: se em algum momento eu tiver que fazer uma referência a mim, eu não vou conseguir fazer. Mas ao mesmo tempo como que eu vou falar hoje sobre mulher no jornalismo esportivo e não citar a narração. É impossível não citar narração. Se eu tivesse que colocar uma referência a mim eu já ia me sentir desconfortável. Então é tanto meu lugar, que é meu lugar demais para o momento de agora. Eu adorava torcida, então escolhi o tema das torcidas e eu pensei: “Vou fazer um recorte! Vou abordar as mulheres torcedoras.” E foi onde eu encontrei um ponto ótimo porque é uma discussão muito gostosa de se fazer, de se pensar. E ao mesmo tempo incomoda em alguns pontos de que a gente fica irritada com algumas coisas que a gente vê, com alguns relatos que escuta, mas é gostoso se envolver com essa temática.

S. G. – Você é muito jovem. Tem 21 anos e uma trajetória que eu diria importante dentro do esporte. O que você pretende fazer no jornalismo esportivo além de participar da cobertura dos Jogos Olímpicos? O que você projeta daqui para frente?

I.M. – Eu me assusto um pouco com a minha carreira porque foi tudo muito rápido. Eu vou sair do curso com um balanço muito positivo. Eu vou me formar com um saldo super positivo de que eu não fiquei parada, que eu aproveitei tudo que eu podia aproveitar do que acontecia perto de mim. É claro que a gente tem umas metas que você vai traçando para a sua carreira. Eu tinha três metas quando eu entrei no curso. Eu disse “Olha, eu quero ter essas três oportunidades na carreira.” Era o que eu esperava para a carreira, não era nem no curso. Mas eu pensava que era o máximo ser repórter de campo. Era uma meta minha. Eu achava o máximo, você estar ali no campo, pensar nos nomes. Quando eu assistia em casa, lá em Itamarandiba e pensava: “Como que deve ser para um repórter levar informação, de ficar atento, parece que o jornalista está sabendo de tudo que está acontecendo ali no ambiente do jogo.” Era um dos meus sonhos. Eu já fiz várias reportagens na rádio, então, beleza! Quero fazer várias reportagens ainda, mas, ótimo, eu já consegui isso. O segundo era participar de mesa redonda, pois me irritava quando eu via uma mesa redonda com uma mulher escanteada. Eu quero participar de uma mesa de debate de modo horizontal, sabe? Onde a minha voz seja ouvida tanto quanto de qualquer pessoa.”. Eu tive essa

oportunidade no Comenta Quem Sabe¹⁶ e quero ainda ter oportunidade de participar em mesas mistas. De conversar em um bom tom, em um tom de educação, de respeito com a palavra do outro, e aquilo vai ficar ótimo. E a outra meta, que é minha maior meta, é a Olimpíada. Eu não tive oportunidade na Olimpíada aqui do Brasil, que foi em 2016. Eu já estava em Belo Horizonte, mas tinha acabado de chegar e não tinha a menor condição de ir para o Rio de Janeiro. Não de parar o curso que eu estava fazendo e ir, mas de me organizar financeiramente para ir, eu não sabia onde eu ficaria, sabe. A Copa de 2014 eu ainda estava em Itamarandiba, estava me formando no Ensino Médio, então, não consegui aproveitar, eu tinha dezesseis anos. Mas eu ainda quero cobrir uma Olimpíada, é minha meta de vida porque eu sou completamente apaixonada por Olimpíada. É incrível o que a gente vive em Olimpíada. Eram minhas três metas. Agora que eu estou me formando, já me perguntaram isso. Eu paro para pensar, assim, quais são minhas metas agora? Eu falo: Você só aprende a narrar, narrando. Basicamente. Você precisa narrar. Não tem jeito. Tem que narrar de alguma forma. Se você quer aprender a narrar. Porque tudo é uma construção. Quando eu falo que eu não gostei das minhas primeiras narrações, eu não gostei mesmo. Mas as de hoje eu adoro. Eu adoro ouvir as minhas narrações. Eu pego para ouvir depois, de novo. Tem algumas coisas que eu acho estranhas, mas assim, eu vou com a cabeça super positiva para mudar aquilo ali. Eu ainda não achei meu bordão, mas eu vou ensaiando meus bordões. Não encontrei o meu bordão até hoje, mas vou achar, vai aparecer um bordão. E aí eu tento um bordão, escuto de novo e nossa: não deu certo, pulo, vou para o próximo. Eu tenho uma cabeça muito positiva para me avaliar. Mas eu quero continuar narrando. Eu vou me formar e aí acaba o meu contrato com a Rádio Inconfidência também, que vai ser bem quando eu me formar. A rádio é pública e eu não sei como vai ser daqui pra frente. Não faço ideia de como vai ser. Mas eu vou começar a buscar as oportunidades. Da mesma forma que eu não fiquei parada durante o curso não vai ser agora que eu vou parar. Que é a hora que eu tenho que estar com um gás todo para o mercado. Mas, eu quero narrar. Eu quero ter experiência ainda com debate, sabe, para falar sobre o que eu achei do jogo, ou então de traços históricos do esporte, que eu gosto. Mas agora em um futuro mais próximo, continuar com a narração, de alguma forma. Porque foi tão difícil uma mulher chegar lá e isso não pode ser passageiro.

¹⁶ Programa exibido no Canal Fox. Mesa redonda a formada só por mulheres.

S. G. – Você abriu um espaço muito importante no universo do futebol. Te parablenizo por isso, pela tua conquista e pela representatividade que tens para muitas mulheres que desejam atuar no futebol em suas múltiplas manifestações.

I.M. – Obrigada, Silvana.

S. G. – Por fim, mais uma pergunta: tem algum objeto que tu consideras significativo na tua carreira. Algo que você guarda pelo significado que tem para você?

I.M. – De cabeça eu não consigo imaginar.

S. G. – Pensa assim: se algum dia você tivesse que se mudar, o que você não deixaria para traz. Que objetos carregaria consigo? Tipo: “Isso eu jamais vou largar porque tem um significado importante pra mim.”

I.M. – O que eu tenho um apego muito forte são algumas credenciais que eu guardo. Porque é olhar e lembrar que eu estive ali. É, são as minhas credenciais. Eu tenho uma caixinha de credencial onde eu guardo. Aí eu pego algumas, vejo de novo e falo: “Gente, eu estive ali.” A credencial que mais me marcou foi a da final da Copa do Brasil de 2017. Mas veja, minha carreira é muito recente, né? Totalmente recente. Mas a que mais me marcou foi a da final da Copa do Brasil do ano passado, entre Cruzeiro e Flamengo aqui no Mineirão, que foi o maior jogo que eu cobri até hoje, pensando em final e foi uma final importantíssima dos dois clubes. Então foi uma credencial que quando eu cheguei em casa e olhei para ela... Ou seja, eu guardo com um carinho muito forte. Eu tenho um apego muito forte com as minhas credenciais, eu não posso sumir com aquela caixa nunca.

S. G. – Respondido. Isabelly, muito obrigada pela entrevista.

I.M. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]